

Saúde Doente

Há algo de muito doente com a saúde no Estado do Rio: com o estoque de medicamentos no fim, a insuficiência de pessoal e a dívida com os laboratórios fornecedores de remédios, a rede estadual está sangrando com o corte de recursos drenados para a Secretaria de Ação Social. O contribuinte vê com apreensão, e sem entender, a utilização do uso do cobertor curto para cobrir tantos programas de governo.

Despir um santo para vestir outro é expediente desacreditado. Tirar verba da Saúde para programas assistenciais, pior do que um erro, é um equívoco político. Na consciência coletiva, a saúde, a educação e a segurança têm o peso de uma prioridade estatal em todas as nações, mesmo as desenvolvidas. Elas não seriam desenvolvidas se não garantissem saúde à população, segurança aos cidadãos e à sociedade e não fossem capazes de

multiplicar as oportunidades de todos pela educação. O Brasil está naquela parcela de países ainda a braços com a alfabetização (de 40 milhões). Onde não há educação também é escassa a saúde.

As razões políticas não pesam mais do que a visão social que contempla com prioridade a saúde e a educação. O Estado do Rio vem executando o compromisso assistencialista mediante dois programas complementares – Cheque-Cidadão e restaurantes populares – ao custo dos recursos do Fundo Estadual de Saúde, sangrado de maneira alarmante dentro das suas limitações orçamentárias.

A repercussão negativa na metade do ano cerca de dúvida o Cheque-Cidadão e a sobrevivência dos restaurantes que servem comida a um real. A linha divisória entre assistencialismo e obrigação social dos governo é clara: educação e saúde têm prioridade universal.